

## SITUAÇÃO DA AGRICULTURA

- Abril de 1976 -

### PREVISÕES E ESTIMATIVAS DE SAFRAS AGRÍCOLAS

Confirmando as informações anteriores, o quarto levantamento de previsões e estimativas de safras do ano agrícola 1975/76 indica alguns avanços expressivos na agricultura paulista. Assim, mesmo com condições climáticas que não foram totalmente favoráveis entre os dois últimos levantamentos, são previstas maiores produções que no ano anterior, face a indicações de melhor produtividade e aumento na área de cultivo.

A área semeada com culturas anuais registrou incremento de 8,2% sobre a safra precedente, pois a cana-de-açúcar, arroz, milho, feijão da seca, amendoim, batata da seca, cebola, tomate enfiado e trigo, com aumentos significativos, predominam sobre as reduções nas áreas de cultivo do algodão, feijão das águas, batata das águas, cana para forragem, mandioca, mamona e tomate rasteiro. A soja foi, em 1975/76, uma das poucas culturas que manteve sua área relativamente estável no Estado, porém importantes flutuações de ordem regional foram observadas, uma vez que a DIRA de Marília já ameaça de perto a hegemonia da DIRA de Ribeirão Preto.

Como já apontado, condições climáticas reinantes entre fevereiro e abril (meses do 3º e 4º levantamentos), condicionaram as expectativas de uma ligeira redução nos rendimentos culturais. Mesmo assim, ainda são aguardados recordes de produtividade para milho, com 2.230 quilos por hectare, e soja, com 1.957 kg por hectare. Registre-se ainda o excelente rendimento esperado para a cultura do arroz, com 1.451 quilos por hectare.

Analisando cada cultura isoladamente, verificam-se os seguintes aumentos percentuais na produção paulista: arroz (76,5%), feijão da seca (64,2%), cebola (57,6%), amendoim das águas (41,3%), milho (34,9%), cana-de-açúcar para indústria (20,8%), batata da seca (18,2%), soja (12,8%), amendoim da seca (11,9%), tomate para mesa (8,1%) e cana-de-açúcar para forragem (4,0%). Ainda entre as culturas anuais, reduções na produção são previstas para algodão (-38,4%), mamona (-23,0%), batata das águas (-19,1%), mandioca (-13,9%), feijão das águas (-10,5%) e tomate rasteiro (-4,0%).

Quanto às culturas perenes, a redução na produção de café deverá ser maior do que se esperava, com produção de 2,12 milhões de sacas, ou seja, 69,7% a menos que no ano anterior. Em laranja confirma-se uma grande colheita, de 102,2 milhões de caixas, sendo que para a principal zona de produção (DIRAs de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto) a estimativa é de 93,0 milhões de caixas. Finalmente, confirma-se também o aumento da safra de banana, a qual deverá atingir 590 mil toneladas.

## PREÇOS

Em abril, os acréscimos de 12,91% no Índice de preços médios de produtos vegetais e de 1,90% no de produtos animais deram como resultado uma elevação de 9,29% no Índice geral de preços médios recebidos pelos agricultores (figura 1), o qual atingiu 10.421, tendo por ano base 1961-62. Ao se excluir o café, as evoluções seriam de 10,93% para o Índice de produtos vegetais e de 6,53% para o Índice geral.

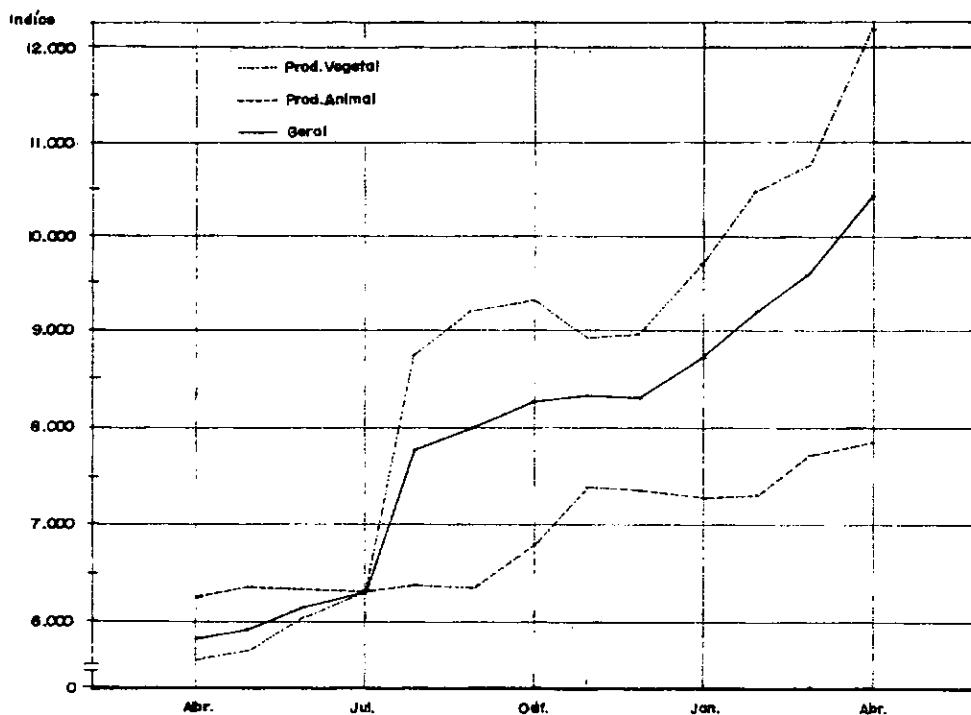


FIGURA 1.- Evolução dos Preços Recebidos pelos Agricultores no Estado de São Paulo, Abril de 1975 a Abril de 1976.  
Base: 1961-62=100.

Os produtos cujos índices de preços recebidos apresentaram-se em ascensão neste mês de abril foram: tomate (78,67%), batata (38,70%), cebola (26,65%), feijão (26,41%), café (15,07%), laranja (12,32%), mandioca (10,45%), ovos (8,17%), suínos (8,04%), mamona (6,24%), banana (4,33%), leite (1,34%), amendoim (1,06%), e soja (0,75%). Note-se que os três produtos que lideram as altas do mês são responsáveis por menos de 10% da elevação no índice de preços recebidos pelos produtores. Incluindo-se o feijão, a influência desse grupo de produtos na alta verificada, não atinge a 15% do todo. Por outro lado, somente o café responde por mais de um terço naquela elevação. Índices de preços descendentes, foram apresentados pelos seguintes produtos: milho (-10,85%), arroz em casca (-4,94%) e aves (-1,25%).

No ano passado, as relações de preços recebidos abril/março apresentaram-se com os seguintes valores: 0,67% para o índice geral resultante do acréscimo de 1,51% no índice de produtos vegetais e do decréscimo de -0,40% no índice de produtos animais; 3,16% para o índice de produtos vegetais sem café e 1,24% para o índice geral sem café.

Os índices de abril de 1976, quando comparados com os de dezembro de 1975, mostram que as variações ocorreram da seguinte maneira: produtos vegetais (35,70%), produtos animais (7,13%) e geral (25,45%); ao se excluir o café teria-se: produtos vegetais (17,24%) e geral (12,31%).

Comparando-se os índices de abril do corrente ano com os de abril do ano passado tem-se as seguintes variações positivas: 77,86% para o índice geral, resultante dos acréscimos de 118,04% dos produtos vegetais e de 25,63% dos produtos animais. Subtraindo-se o café, tem-se 66,05% para os produtos vegetais e 44,40% para o geral.

A figura 2 ilustra o comportamento dos índices de preços pagos pela agricultura. Assim, em relação a março observa-se um aumento de 2,75% no índice geral, resultante dos acréscimos de 4,08% no índice de preços de insumos adquiridos fora do setor agrícola e de 0,41% no índice de preços de insumos adquiridos no próprio setor agrícola. Em 1975 a mesma relação abril/março apresentou-se negativa para o índice geral (-0,11%) e para o índice de preços de insumos adquiridos no próprio setor agrícola (-1,75%), enquanto que os preços de insumos adquiridos fora do setor agrícola elevaram-se de 0,83%.

As relações abril de 1976/dezembro de 1975, apresentam as seguintes variações positivas: 15,84% para o índice de índice de preços de insumos adquiridos fora do setor agrícola; 4,58% para o de insumos adquiridos no próprio setor agrícola e de 11,62% para o índice geral.

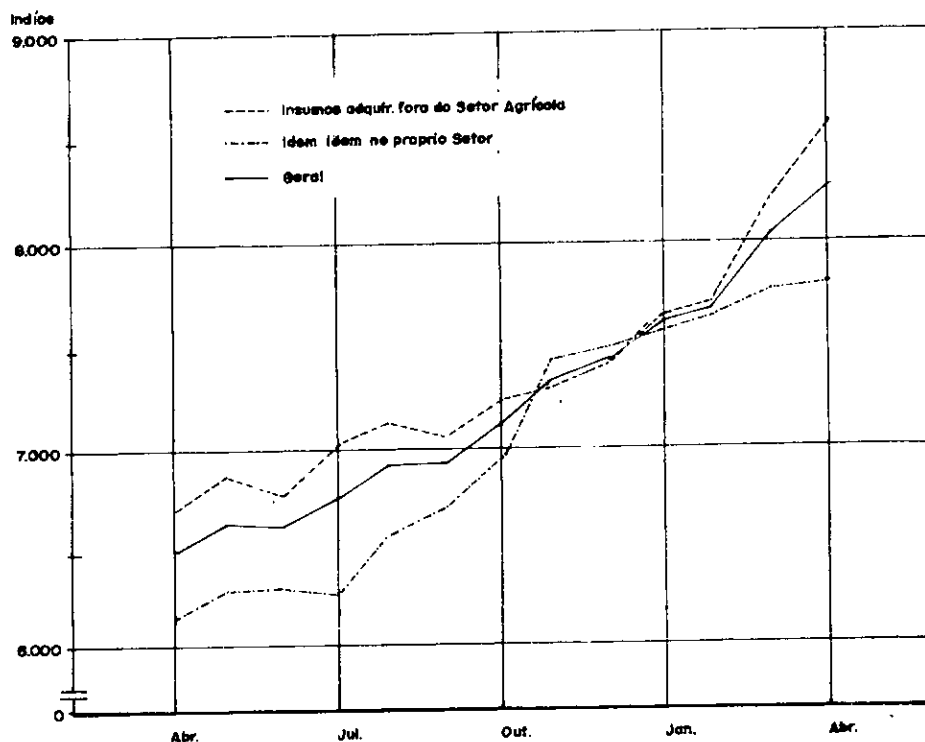


FIGURA 2.- Evolução dos Preços Pagos pela Agricultura Paulista, Abril de 1975 a Abril de 1976.  
Base: 1961-62=100.

A comparação abril de 1976/abril de 1975, resulta em acréscimo de 27,88% no Índice geral, derivado dos acréscimos de 28,57% no índice de preços de insumos adquiridos fora do setor e de 26,61% no de insumos adquiridos no próprio setor.

Considerando-se os acréscimos de 9,29% no índice geral de preços recebidos pelos agricultores e de 2,75% no índice geral de preços pagos pela agricultura paulista, tem-se um aumento de 6,36% no índice de paridade, que atinge um nível de 125,72 (figura 3). Também o índice de paridade entre preços recebidos/preços pagos por insumos adquiridos fora do setor agrícola apresentou-se acrescido (5,01%) neste mês de abril, alcançando o valor de 121,57.

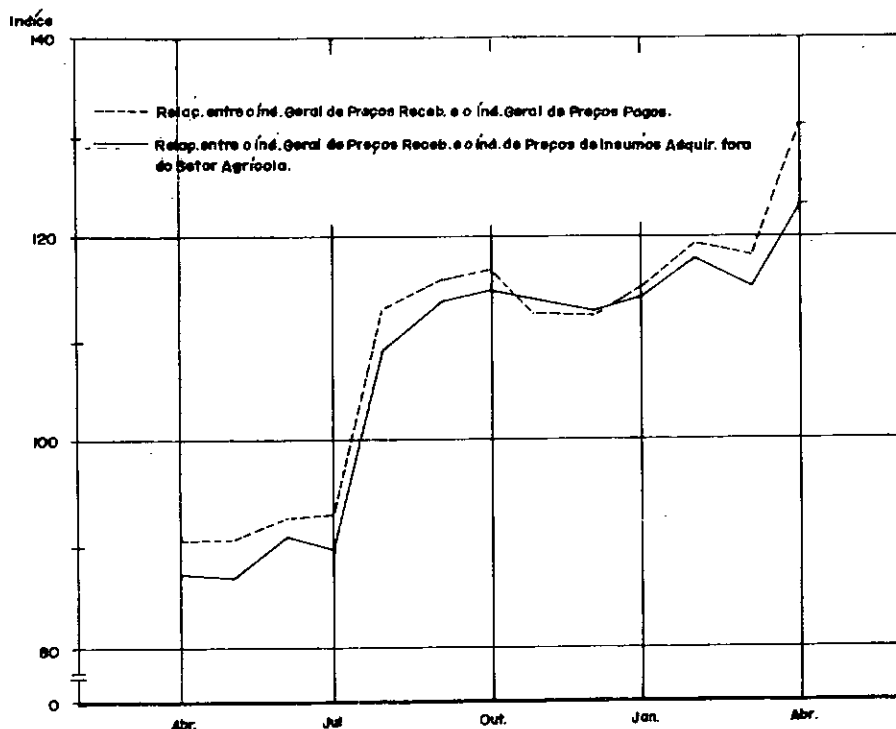


FIGURA 3.- Evolução do Índice de Paridade no Estado de São Paulo, Abril de 1975 a Abril de 1976.  
Base: 1961-62=100.

## CRÉDITO RURAL

A distribuição percentual do crédito rural, em fevereiro, no Estado de São Paulo (quadro à página 18), mostrou ainda predominância dos recursos destinados ao custeio da produção, que representou 34% do total comprometido no mês, sendo 28% para a atividade agrícola e 6% para a pecuária. Verificou-se maior participação na alocação dos recursos financeiros destinados ao custeio da produção na DIRA de Bauru, que alcançou quase 8%, seguida por Ribeirão Preto, com pouco mais de 6%, Campinas com 5% e Marília com 3,5%.

No que se refere ao investimento para produção, os recursos superaram a casa dos 30%, dos quais 19% destinados à atividade agrícola e pouco mais de 11% à pecuária. Na distribuição das parcelas aplicadas em agricultura sobressai a região de Marília, com 4%, seguida por Ribeirão Preto, com pouco mais de 3% e Campinas com quase 3%. De janeiro para fevereiro os investimentos da pecuária nas regiões de Bauru, Sorocaba e São José do Rio Preto, sofreram uma diminuição da or-

dem de 72%, 62% e 41%, respectivamente (quadro 1), enquanto Vale do Paraíba e Ribeirão Preto também decresceram, mas em menor proporção.

QUADRO 1. - Variação no Valor dos Financiamentos Contratados para Investimentos na Pecuária, por Região, 1976  
(jan.=100)

DIRA	Jan.	Fev.
Araçatuba	100	126
Bauru	100	28
Campinas	100	108
Marília	100	101
Presidente Prudente	100	108
Ribeirão Preto	100	73
São José do Rio Preto	100	59
São Paulo	100	159
Sorocaba	100	38
Vale do Paraíba	100	85
Estado	100	79

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Por outro lado, notou-se aumento de 59% nos investimentos para a pecuária na região de São Paulo de janeiro para fevereiro, 26% em Araçatuba, 8% em Campinas e Presidente Prudente enquanto que Marília manteve o mesmo índice.

Os investimentos agrícolas (quadro 2) para as DIRAs do Vale do Paraíba, Bauru, Ribeirão Preto, Presidente Prudente e Marília, sofreram reduções da seguinte ordem: 61%, 58%, 53%, 48% e 5%, respectivamente. Em contra partida, cresceram aquelas das DIRAs de: Campinas 46%, Araçatuba 36%, Sorocaba 18%, São José do Rio Preto 17% e finalmente São Paulo 11%.

QUADRO 2. - Variação no Valor dos Financiamentos Contratados para Investimentos na Agricultura, por Região, 1976  
(jan.=100)

DIRA	Jan.	Fev.
Araçatuba	100	136
Bauru	100	42
Campinas	100	146
Marília	100	95
Presidente Prudente	100	52
Ribeirão Preto	100	47
São José do Rio Preto	100	117
São Paulo	100	111
Sorocaba	100	118
Vale do Paraíba	100	39
Estado	100	78

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Na comercialização, os recursos distribuídos alcançaram mais de 35%, dos quais 12% destinados à agricultura e 23% à pecuária; como sempre, Ribeirão Preto levou a maior parcela na comercialização agrícola, ficando com mais da metade dos recursos aplicados, enquanto Marília participou com 1,64% e Campinas com 1,36%.

Na pecuária, a DIRA de Araçatuba continua predominando na comercialização, respondendo com quase 6% do total financiado para aquela finalidade.

Em resumo, o total dos recursos comprometidos no mês apresentou a seguinte classificação: em primeiro lugar, Ribeirão Preto com 22,90%, seguido por Campinas com 11,87%, Marília com 11,21%, Presidente Prudente com 10,32%, São José do Rio Preto com 9,34%, Araçatuba com 9,15%, São Paulo com 7,49%, Sorocaba com 5,90% e finalmente o Vale do Paraíba com 1,54%.

Dados preliminares fornecidos pelo Banco Central do Brasil (quadros das páginas 19 a 22) indicam que em 1975 foram formalizados 418.933 contratos de finan-

ciamento de crédito rural, no valor global de 21,2 bilhões de cruzeiros, representando um incremento de 13,6% no número de contratos e de 60,6% no valor contratado em relação a 1974, o que em termos reais, representa um incremento de cerca de 26%.

Enquanto os contratos referentes a atividades agrícolas comprometeram recursos da ordem de 15,0 bilhões de cruzeiros, representando quase 71%, para a pecuária foram contratados financiamentos no valor de 6,2 bilhões. Individualmente, a finalidade que mais recursos alocou foi o custeio agrícola, com 7,5 bilhões de cruzeiros, seguido pela comercialização de produtos agrícolas, em 4,8 bilhões. As finalidades que menores recursos alocaram, por outro lado, foram o custeio pecuário e a comercialização de produtos pecuários, com 2,0 bilhões de cruzeiros cada, representando uma participação percentual de pouco mais de 9%.

O valor médio do contrato, em 1975, foi de Cr\$ 50.652,00, o que representa um incremento de 41% em relação a 1974, quando este valor médio foi de Cr\$ 35.811,00.

O quadro 3 mostra a evolução da participação relativa dos valores dos financiamentos de cada finalidade no total contratado, por onde se ve que a par de um incremento na participação dos créditos destinados à pecuária, cujos valores passaram de 25% a 29% do total contratado, dentro dos financiamentos destinados à agricultura, o custeio reduziu a sua participação, de passar de 55% em 1974 para 50%, no ano em análise. Esta redução se deveu, de um lado, a um incremento na participação dos valores destinados ao investimento agrícola, enquanto de outro e de forma mais notável, ao incremento observado no valor destinado a comercialização de produtos agrícolas, que atingiu a faixa de 32%.

Com relação aos créditos contratados pelo setor pecuário, o fato mais notável decorre do enorme incremento no valor dos créditos concedidos ao custeio dessas atividades, situação possivelmente decorrente da autorização concedida pelo Banco Central para operações de custeio para retenção de crias. Não fosse isso, a participação relativa das três finalidades teria se mantido praticamente inalterada.

Finalmente deve ser notada a variação estacional que se observa no valor contratado em cada trimestre, com predominância do 4º, que respondem por 37% do valor total; seguido pelo terceiro com 26%. Os menores valores foram contratados no primeiro trimestre, que respondem por apenas 15% do total. Ressalte-se que no quarto, foram comprometidos mais de 2,4 vezes mais recursos que no primeiro trimestre, a exemplo do ocorrido em 1974.



QUADRO 3. - Participação Relativa do Valor dos Créditos Contratados, por Finalidade,  
1973-75  
(em porcentagem)

Finalidade	1973	1974	1975
<b>Agrícola</b>			
Custeio	54	55	50
Investimento	18	15	18
Comercialização	28	30	32
<b>Pecuária</b>			
Custeio	19	19	31
Investimento	46	42	37
Comercialização	35	39	32
<b>Total</b>			
Agrícola	75	75	71
Pecuária	25	25	29

Fonte: Banco Central do Brasil.

#### CESTA DE MERCADO

A cesta de mercado referente ao mês de abril atingiu Cr\$ 1.153,99, 2,3% a cima do valor obtido em março. O acréscimo acumulado para o ano atinge, assim, a 15,2%, e para os últimos doze meses, a 42,6%.

Um retrospecto da evolução média dos preços em 1976 é apresentada no quadro 4. A taxa mensal de crescimento verificada em abril (2,3%) é a mais baixa do ano, fazendo com que a taxa acumulada para os últimos 12 meses venha apresentando a crescimentos pequenos. A prolongar-se, durante o restante do ano, a tendência verificada no primeiro quadrimestre, o custo de alimentação em São Paulo deverá elevar-se, em 1976, em menor escala do que a constatada até agora.

QUADRO 4. - Valor e Variações da Cesta de Mercado em 1976

Mês	Valor da cesta	Variação em relação a:		
		Mês anterior	Dez.1975	Mêsmo mês de 1975
Jan.	1.036,16	-	3,4	35,6
Fev.	1.096,84	5,8	9,4	42,3
Mar.	1.127,63	2,8	12,6	42,5
Abr.	1.153,99	2,3	15,2	42,6

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Cabe salientar que esta elevação no custo de alimentação não vem superando as taxas de crescimento do custo de vida recentemente divulgadas pela imprensa. Portanto, os demais itens componentes do custo de vida vêm apresentando, em geral, taxas de crescimento semelhantes àquela.

Em abril, os principais aumentos foram constatados para tomate (48,0%), cebola (26,7%), feijão (15,8%) e batata (11,6%). Por outro lado, registraram-se decréscimos nos preços de banana (-6,3%), laranja (-5,2%), alface (-12,5%), arroz (-2,5%), carne bovina (-5,1%) e aves (-3,3%). Para os últimos doze meses, os principais acréscimos foram os de café (166,9%), feijão (162,7%), tomate (115,9%), cebola (86,6%), banana (80,9%) e batata (79,4%). Outros produtos, porém, apresentaram ligeiras quedas ou pequenas elevações: óleo (-4,5%), arroz (-0,4%), macarrão (10,8%) e leite (11,1%).

#### PREVISÕES METEOROLÓGICAS

O assunto tem sido enfocado com frequência, mormente após as geadas de julho de 1975, quando tivemos sérios prejuízos na agricultura. Por oportuno, é apresentado, a seguir, o artigo "Prognóstico do Tempo a Longo Prazo" de Carlos Girardi do Instituto de Atividades Espaciais, do Centro Técnico Aeroespacial, do Ministério da Aeronautica, no sentido de oferecer informações adicionais a respeito de tão complexo assunto. Obviamente, as conclusões contidas nessa oportuna colabo

ração do IEA/CTA devem ser examinadas com a devida atenção, face às implicações econômicas das notícias recentemente veiculadas pela imprensa paulista.

"O prognóstico do tempo a longo prazo é o sonho dos agricultores. Há milênios o homem vem cultivando a terra preocupado com o comportamento da natureza. Na realidade, ainda nos nossos dias, o homem ao semear a terra está também impregnando-se de dúvidas e apreensões quanto ao êxito futuro do trabalho que está executando. Mesmo aqueles que se acostumaram a extrair os frutos de cultura consolidada têm dúvidas quanto à sorte da próxima safra.

O prognóstico do tempo a longo prazo não somente é um anseio do agricultor como uma preocupação do meteorologista. Para o agricultor significaria a programação inicial de suas atividades: sementeira, tipo de cultura, construção de canais de irrigação ou de escoamento de águas, açudes, silos, etc.

Toda essa atividade humana estaria dirigida com bases no comportamento da natureza, previsto e divulgado com antecedência.

O meteorologista, por sua vez, tem um compromisso com o agricultor e arduamente procura meios ou métodos de prognosticar para o futuro. Não é uma tarefa fácil.

O emprego dos métodos na preparação de previsões a médio prazo, baseados no estudo dos tipos de condições meteorológicas, tem levado a tentativas de utilização desses métodos em períodos maiores de tempo. Na classificação dos tipos de condições meteorológicas, verificou-se que há certas tendências ou oscilações, que se apresentam como uma repetição de um dado tipo, ou de uma série de tipos intimamente relacionados. Tais variações ou oscilações são usadas na estimativa de desenvolvimentos futuros. Supõe-se, também, que o tempo futuro, para o período de um mês ou mais, deverá seguir um ramo semelhante ao seguido, no passado, por condições de tempo parecidas. Isto é a essência de métodos de analogia. É certo que esse método continua em fase de experiências. Todavia, existem esperanças de que será básico para a previsão a longo prazo.

Com o advento da era espacial a meteorologia foi grandemente beneficiada. Antes do satélite o meteorologista tinha uma visão restrita do estado do céu sobre seu ponto de observação. Hoje o satélite, "olhando" pelo meteorologista desde grandes alturas, tem um instantâneo da camada de nuvens de uma área que engloba continentes e oceanos.

O satélite meteorológico circunda a terra cada duas horas, num sentido de polo a polo numa órbita quase circular. A uma altura em média de 1.400km tem ele o poder de tirar séries de fotografias consecutivas cujas dimensões ultrapassam milhares

de quilômetros quadrados. Entre duas ou três passagens esse artefato oferece uma visão de todo o continente sulamericano e oceanos confrontantes.

As fotografias, depois de compostas, são analisadas e comparadas com informações terrestres de modo a se extrair o máximo de informações sobre o estado do tempo e sua evolução para os próximos dias.

Os quadros 1, 2, 3 e 4 apresentam a previsão do tempo para o período compreendido entre os meses de junho de 1976 a junho de 1977, que é um ensaio prático do método de analogia. Essa previsão foi baseada em dados fotográficos emitidos pelo satélites meteorológicos, além de algumas confrontações com informações terrestres.

É preciso informar que os dados aqui usados são insuficientes para um prognóstico confiável 100%. A fotografia, tornada aqui elemento principal, é apenas uma ferramenta a mais com que conta a meteorologia. Todas as informações terrestres disponíveis devem convergir para compor o prognóstico, todavia, tal sistemática está sendo paulatinamente implementada no Instituto de Atividades Espaciais (IAE) do Ministério da Aeronáutica.

A previsão aqui apresentada, posto que apoiada em fotografias, teve como elemento de fundo uma recente descoberta, realizada nesse mesmo Instituto de Atividades Espaciais (IAE), que foi denominada de "O Poço dos Andes". Esse fenômeno, de influência capital para o Brasil, está sendo alvo de estudos mais acurados, pois poderá ser a chave para futuros prognósticos a longo prazo.

Com um grau de confiabilidade em torno de 75%, os prognósticos apresentados nos quadros 1, 2, 3 e 4 restringem-se a informações sobre nebulosidade, precipitação pluvial e penetrações de massas de ar frio de razoável intensidade.

Nem sempre a soma dos fenômenos, dia a dia completa um mês para os Estados do Sul, em virtude da influência da Serra do Mar. Isso significa que se poderão ter para o Estado de São Paulo, a seguinte situação: praticamente todo o Estado com céu claro, exceto ao longo da Serra do Mar onde poderá estar chovendo ou encoberto.

**DIAS NUBLADOS** - Pelo menos 70% do Estado estará nublado.

**DIAS CHUVOSOS** - Caem chuvas em 60% a 80% do território do Estado, inclusive na costa, São sistemas frontais ou dinâmicos, transitando.

**CHUVAS NA COSTA** - O ascenso mecânico de massa de ar marítimo, por sobre a Serra do Mar provoca precipitações ao longo desse obstáculo, sem contudo adiantar-se para o planalto senão por alguns quilômetros. É fácil concluir que pode estar chovendo ao longo da costa e o tempo estar claro ou nublado para o resto do Estado".

QUADRO 1. - Prognóstico do Tempo, Estado de São Paulo <sup>(1)</sup>, Junho de 1976 a Junho de 1977

Estado	Mês	Dias claros	Dias nublados	Dias chuvosos	Chuvas na costa	Massas de ar frio
São Paulo	1976					
	Jun.	24	03	00	03	02
	Jul.	12	10	04	08	04
	Ago.	11	07	06	06	05
	Set.	12	08	07	08	04
	Out.	12	09	08	09	04
	Nov.	07	12	09	07	03
	Dez.	04	14	11	05	02
	1977					
	Jan.	06	13	12	06	01
	Fev.	10	11	07	04	00
	Mar.	08	14	09	11	04
	Abr.	16	10	04	07	02
Mai.	15	11	04	08	04	
Jun.	14	10	06	07	05	

<sup>(1)</sup> Não há previsão de geadas fora dos padrões normais para 1976.

QUADRO 2. - Prognóstico do Tempo, Planalto Central, Junho de 1976 a Junho de 1977

Planalto Central	Mês	Dias claros	Dias nublados	Dias chuvosos	Massas de ar frio
Goiás, 1976					
Leste do Mato Grosso,	Jun.	26	03	01	02
Oeste de Minas,	Jul.	23	06	02	02
Sul dos Estados do	Ago.	23	06	01	02
Maranhão e Pará	Set.	18	11	01	04
	Out.	10	13	08	04
	Nov.	01	12	17	01
	Dez.	02	12	17	01
1977					
	Jan.	07	11	13	00
	Fev.	04	12	12	00
	Mar.	00	15	16	02
	Abr.	13	11	06	03
	Mai.	18	08	04	03
	Jun.	22	06	02	03

QUADRO 3. - Prognóstico do Tempo, Paranã, Santa Catarina, Junho de 1976 a Junho de 1977

Estado	Mês	Dias claros	Dias nublados	Dias chuvosos	Chuvas na costa	Massas de ar frio
Paraná e Santa Catarina	1976					
	Jun.	10	14	03	03	06
	Jul.	10	10	07	04	04
	Ago.	04	06	13	05	04
	Set.	05	10	09	12	05
	Out.	10	06	10	09	06
	Nov.	06	15	09	07	04
	Dez.	07	14	05	07	03
	1977					
	Jan.	04	15	08	07	02
	Fev.	06	16	06	08	01
	Mar.	11	13	07	07	04
	Abr.	09	13	08	10	04
Mai.	10	13	07	09	05	
Jun.	10	12	08	05	06	

QUADRO 4. - Prognóstico do Tempo, Rio Grande do Sul, Junho de 1976 a Junho de 1977

Estado	Mês	Dias claros	Dias nublados	Dias chuvosos	Chuvas na costa	Massas de ar frio
Rio Grande do Sul	1976					
	Jan.	05	08	18	00	07
	Jul.	10	14	11	00	06
	Ago.	07	11	14	00	05
	Set.	12	06	10	02	05
	Out.	13	07	10	00	07
	Nov.	11	09	10	00	05
	Dez.	11	12	07	00	05
	1977					
	Jan.	07	15	09	02	02
	Fev.	07	11	10	04	01
	Mar.	13	13	05	03	04
	Abr.	07	10	13	04	04
Mai.	06	18	06	03	05	
Jun.	09	09	12	04	06	